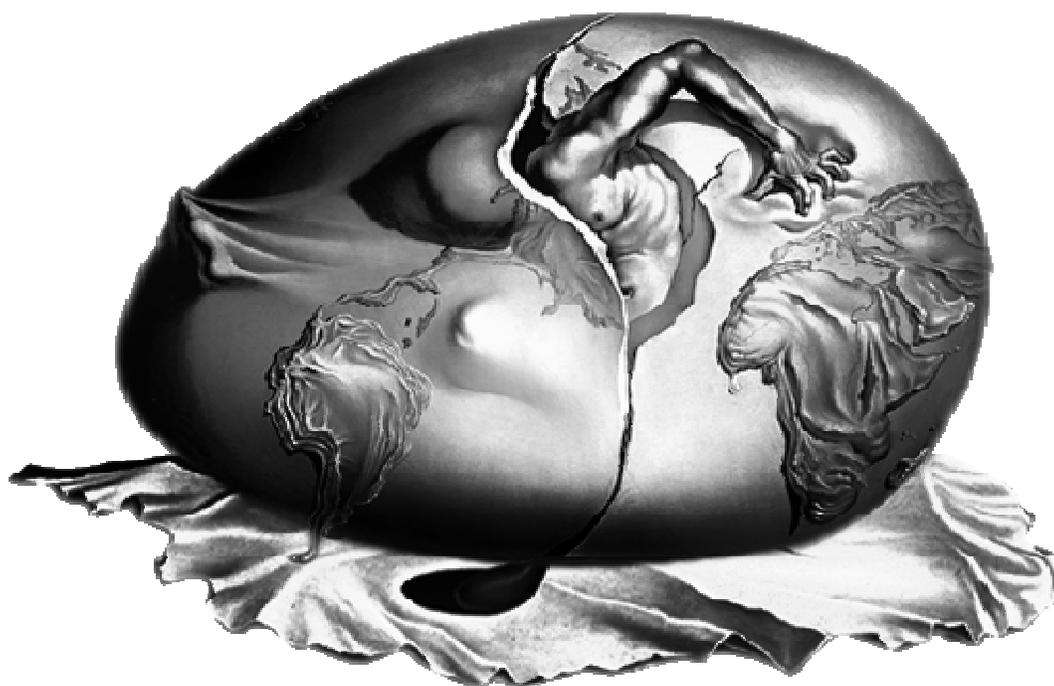


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, n° 03, 1995



UNIR

A LÓGICA DA CIÊNCIA E A LÓGICA DA EDUCAÇÃO

NILSON SANTOS *

Resumo

A educação gerada no seio da Anistia apropriou-se do mesmo discurso do tecnicismo para poder destruí-lo, porém, ao substituí-lo travestiu-se dele, para ser mais competente que o tecnicismo. Boa parte das novas pedagogias quiseram mostrar-se mais "eficientes", incorporaram conceitos e procedimentos fundamentais como a relação dialógica em sala de aula apontou para o papel da ideologia dentro da escola, politizou professores e conteúdos: não foi suficiente. Os currículos sofreram alterações profundas, mas foi mantida a lógica da Ciência, a lógica da produção.

Palavras-Chave: Educação, Eficiente e Tecnicismo.

Abstract

The education generated in the breast of the Amnesty he/she appropriated of the same speech of the tecnicismo to destroy him/it, however, when substituting him/it travestiu-if of him, to be more competent than the tecnicismo. Good part of the new pedagogies wanted to show more efficient ", they incorporated concepts and fundamental procedures as the relationship dialógica in class room it appeared inside for the paper of the ideology of the school, it politicized teachers and contents: it was not enough. The curricula suffered deep alterations, but the logic of the Science, the logic of the production was maintained.

Words-Key: Education, Efficient and Tecnicismo.

O final do Regime Militar deveria significar o fim de um modelo "tecnicista" e racionalizante do ensino, proporcionando uma ruptura na sua articulação com o sistema produtivo, uma redefinição na identificação dos conteúdos e na tipificação do padrão de comportamento do professor.

O que chamamos de pedagogias libertadoras, libertária, transformadoras, ou transformistas, acabaram, na maioria das vezes por sucumbir ao discurso e à razão da Ciência.

Educação para a qualidade ou educação voltada para a melhoria da qualidade de vida, muito embora procure rever conteúdos e métodos, quando o faz, não rompe a subserviência da lógica científica, que prescindiu do humano. A razão científica nada mais é que um apêndice da Filosofia. Ela se apropria de uma forma de pensar, representando um modelo de investigação. Devendo respeitar parâmetros cognoscíveis à Ciência, ou seja, deve ficar circunscrita a um pequeno universo de habilidades. Se isto parecia representar, como queria a tradição cartesiana, um horizonte seguro, plausível, identificável, revela-se uma prisão à Razão, que se vê obrigada a tramitar dentro de um roteiro que, não admite a especulação, o erro, a intuição, o sonho, o desejo, que, portanto, não pactua com o humano.

A Ciência ao reconhecer como exclusividade os seus procedimentos, descarta a possibilidade de ampliar seu universo, impedindo ainda a possibilidade de criar além do que ela mesma prevê, como um imenso jogo de xadrez, cujas alternativas de jogadas são quase infinitas e não ultrapassam os limites do jogo. Ultrapassar significa descaracterizá-lo, e isto não pode ser reconhecido. Assim a Ciência não reconhece nada que aconteça fora de seus muros, não reconhece como humano, rotula logo de místico, especulativo. A própria Filosofia por não se submeter, é encarada como "imaterial" ou como suspeita.

A educação, portanto, ao se deixar seduzir pelo discurso da ciência, pensa a si mesma e a sociedade a partir da lógica da produção, das relações instituídas, joga o jogo institucional. Despoja-se do Humano, apoderando-se da Técnica.

A educação gerada no seio da Anistia apropriou-se do mesmo discurso do tecnicismo para poder destruí-lo, porém, ao substituí-lo travestiu-se dele, para ser mais competente que o tecnicismo. Boa parte das novas pedagogias quiseram mostrar-se mais "eficientes", incorporaram conceitos e procedimentos fundamentais como a relação dialógica em sala de aula apontou para o papel da ideologia dentro da escola, politizou professores e conteúdos: não foi suficiente.

Os currículos sofreram alterações profundas, mas foi mantida a lógica da Ciência, a lógica da produção.

Nas raras vezes a própria Filosofia deixou-se instrumentalizar, obrigou-se a responder os problemas mais imediatos do homem, ou desarmou-se de seu poder crítico, criativo, filosófico, o que a tornou história do pensamento pensado.

Na escola, apesar de alguns esforços isolados, ensina-se o experimento realizado, aprende-se que Thomas Edson foi o inventor da lâmpada, conhece-se seu protótipo vitorioso. Porém, como se produz o conhecimento continua sendo uma grande incógnita para a maioria dos alunos. Aos alunos compete aprender o pensamento pensado. Ou por vezes restringimos a grande produção cultural humana à assimilação de técnicas, de procedimentos científicos.

A educação na tentativa de consolidar cidadão críticos e criativos, torna-se mais criteriosa com a qualidade das informações que coloca à disposição dos alunos, esquecendo-se de algo que é fundamental. A escola e os meios de comunicação bombardeiam diariamente nossas mentes com muitas informações, porém ao estarmos desprovidos do Espírito Filosófico, armazenamos na memória algumas delas, até incorporamos em nosso discurso, mas somos incapazes de submetê-la a uma análise mais profunda. Ficamos circunscritos ao limite da constatação, somos incapazes de emitir um juízo de valor filosoficamente consequente. Ficamos ao mesmo tempo estarecidos e inertes.

Surge um abismo entre o que pesamos ter captado, o que pressupomos estar pensando, e por consequência o que acreditamos ser necessário empreender.

Faz-se necessário, ao refletirmos sobre a educação, libertá-la do encanto e do reducionismo da razão científica, para recobrar-lhe o humano.

Nas nossas escolas, supomos que os alunos chegam preparados com o conjunto de habilidades cognitivas genéricas, previamente desenvolvidas, ou simplesmente negligenciamos que ao lado dos programas com conteúdos mais ou menos flexíveis, devemos concentrar nossos esforços no desenvolvimento de habilidades cognitivas específicas. Os alunos nem sempre estão preparados quando chegam à escola, ou seja, suas habilidades cognitivas genéricas não estão desenvolvidas; e os professores quase sempre não estão preparados para tal tarefa.

Assim, quanto mais cedo nossas crianças puderem desenvolver suas habilidades de raciocínio, mais aptas estarão para lidar com os conteúdos de sala de aula, e mais preparados para a vida em sociedade, já que manipularão modos de pensar o mundo que ultrapassam a lógica da Ciência.

***Prof. Ms. do Departamento de Educação/UNIR**
Membro do Centro do Imaginário Social-CEI